



Notas da Revisão

ESCRITO POR VINÍCIUX DA SILVA, NO RIO DE JANEIRO, E POR HILÁRIO M. S. ZEFERINO, EM SALVADOR, POR OCASIÃO DA PUBLICAÇÃO DA COLETÂNEA DE TEXTOS DE FRED MOTEN E STEFANO HARNEY, EM NOVEMBRO DE 2023.

7... Uma colaboração é tanto uma oferenda quanto um convite. A colaboração é uma dádiva, nossa colaboração *nos dá* uma dádiva. Conduzir a leitora – ou desorientá-la – ao estudo é uma possibilidade da colaboração. Como um coral, cantamos como um coral, cantamos a nossa canção fugitiva. Não estamos a sós. Não estamos a sós. Somos tudo o que temos. Nós, umas às outras, em uma comunhão. Esse é o nosso estudo: uma “sensibilidade concentrada para o prazer apesar do terror.”¹

¹ Christina Sharpe, *Ordinary Notes*. Farrar, Straus & Giroux (2023).

4.4.4.2.40.2. Este texto se escreve ou é escrito a quatro mãos, quatro pés, quatro olhos, dois cérebros, quarenta dedos, dois corações e várias vontades. Este texto, ele novamente, é escrito para anotar ou para tomar nota das revisões dos textos de Fred Moten e Stefano Harney nesta coletânea presentes. Escrever a parte, assim como viníciux e eu escrevemos à parte. Este texto, então, com todo corpo que o compõe, é nada mais nada menos e talvez exatamente isso, *um encontro. Uma conversa. Uma troca.* Logo, este texto, mais uma vez, figura algo entre teoria e arte, indistintamente, *um diálogo.* Para fazer o que não costumamos, além de um texto à parte, invocar a etimologia da palavra diálogo pode recobrir ainda mais o que queremos, aqui, dialogar. Diálogo, em grego, pode ser, entre outras coisas, a *palavra que atravessa.* O atravessamento de palavras. Palavras que endereçamos a nós, umas às outras, ou a vocês todas. Tal como uma flecha, a única flecha, ou a pedra que embaralha o tempo através do qual aprendemos a nos conectar; essas palavras, pretendemos, devem evidenciar atravessamentos. Este texto, por último, se escreve ou é escrito entre nossos corpos e em excesso a eles.

...1... Escrever é um gesto de composição com palavras. Mais do que imaginamos, a escrita está muito próxima da música. Composição e regência. Regência, como gostam os professores de Língua Portuguesa (sic), de nomes e de verbos são como ou são efetivamente a fluência de um texto. Se mais travado, preposiciona-se torto, torto de tal forma a alguns chamarem Literatura. Se mais fluido, preposiciona-se torto para o outro lado, e alguns leem sem sentir que há ali toda uma mobilização sintática e sobretudo semântica no uso de preposições. Como: “posicionar-se” é uma palavra, um verbo, se quiserem,

que prostra um corpo em face. “Posicionar-se” é, se torto para o outro lado, sempre “com” ou “contra” ou “diante”, mas, posicionado torto, pode ser “posicionar-se” “até”, “trás” ou até mesmo “sob” — ou “sobre”. Escrever é gerir palavras e relações entre elas, a semântica, a sintaxe e *aquilo, a coisa*. Como compor, é um gesto de reger essas relações e administrar a transitividade do que se busca traduzir. Revisar é tudo isso ao quadrado. São trabalhos da escrita que costumamos classificar: escrever, traduzir, revisar. Na quebra desses limites, onde tudo se converge, nos resta o mais valioso da composição: a incompletude.

2.2 Um pouco talvez como trabalham os piratas, o trabalho da revisão é ou pode ser ou pode se assemelhar a algo. Há caças ao tesouro, há interpretações, há referências a lendas antigas. É preciso ser experimentada em navegar para revisar. Assim como traduzir, revisar não é apenas ou simplesmente trocar uma palavra. Palavras são caixas de Pandora. Abrir uma tampa e tentar substituir por outra pode deixar fora as mais vis e/ou doces criaturas. Traduzir, de uma língua para outra, ou revisar, de uma língua para a mesma. Isso é como caçar um tesouro. Entender referências e fornecer pistas para quem quer que seja que venha a ler, porque escrever, traduzir e revisar é sempre uma tarefa para o outro, um trabalho do toque, é sempre deixar sua herança, seu tesouro, inespoliável, gratuitamente na areia da praia e dizer: busquem-no assim.

187. “Abolition is remaking our vocabularies. Abolition is another word for love.” [Abolição é a reconstrução de nossos vocabulários. Abolição é outra palavra para amor.]²

87. Trabalhar com viníciux é simples e prático, até mesmo quando nos juntamos para elaborar algo nas entradas artísticas. Trabalhar textos de Fred Moten e Stefano Harney com viníciux não é nada simples. Há frases que permanecem ecoando em mim — em nós — e são vários minutos buscando entender se o que estamos diante é um erro de revisão, no inglês, ou se estamos diante de um estilo dos autores. Frases incompletas? Expressões que parecem ditas por esfinges. Revisar pede um estudo próprio e um cuidado com o estilo de revisandas. Afinal, a linha da interferência é muito tênue; se não fosse, estaríamos completamente a serviço da gramática da Língua Portuguesa (sic) e isso seria completamente alienígena ao que escrevem, tanto Moten, quanto Harney. O lugar muito difícil nosso, de viníciux e também meu, sempre esteve calçado com pedras de negociação. Revisar é um estudo, mas eu — nós — já disse — dissemos — isso. Abrir-se para fora da gramática talvez seja mais do que possível: necessário. Porque o que é a revisão já sabemos, o que é o mercado já sabemos, nosso trabalho se situa além disso. Até aqui, foi sintaxe, mas o abismo das palavras nos eixos máquinas-de-cassino de seleção é de deixar tonta. Fica um algo da tradução na revisão: talvez uma outra palavra figure melhor. Melhor não, mas seu sentido seja mais desejável.

0. No trabalho da escrita, talvez mais importante do que se ganha é o que se perde, o que se mantém incompleto e em constante movimento, a coisa que se mantém fora dos domínios da linguagem. Tudo isso, no final, busca uma mesma coisa: capturar sentidos. Como lidar, então, com o paradoxo do texto face à necessidade do trabalho da escrita, de modo que o que esteja em jogo não seja mais a lógica da captividade, mas sim a produção de brechas, a

continuação do estudo (negro)? Se há algo que não pode ser comunicado no modo de operação deste pensamento, isso não se deve à insuficiência de seu projeto político, mas sim à recusa dos termos da subjetividade diminuída. Não acredite no que dizem por aí: este trabalho, o nosso trabalho, não é um trabalho solitário.

3X0. Não escrevemos ou traduzimos ou revisamos para afirmar as estruturas de dominação e expropriação que sustentam a lógica do mercado, da academia, do pensamento moderno. Ainda assim, somos capturadas, mantidas refém e seguradas de volta. Muitas vezes, quando nosso trabalho se relaciona ou atinge a academia, entram no jogo os “professores decoloniais” que, desde sua posição de poder, não economizam esforços para reencenar violências institucionais. Como bem nos ensinam Fred e Stefano, eles precisam do que sustentamos, mas não podem sustentar o que trazemos.

000. “Eu poderia escrever com clareza, poderia escrever sem tantas firulas, sem tanto redemoinho inútil. Poderia escrever quase telegraficamente para a globa e para a homologação simétrica das línguas ajoelhadas ao inglês. [...] Poderia escrever sem língua, como um apresentador da CNN, sem sotaque e sem sal. Mas eu tenho a língua salgada e minhas vogais cantam em vez de educar. [...] Eu não vim para cantar *ladies and gentlemen*; eu canto como me dá na telha, minha senhora. Não sei o que vim fazer neste show, mas cheguei. E minha letra saiu como um estilete. Ou melhor, sem letra: o grunhido chora-a como uma extensão da minha mão. Parecem gemidos de fêmea covarde, disseram por aí os escritores do folhetim direitista. Cheguei à escrita sem querer, eu estava seguindo outro caminho, queria ser cantora, trapezista

ou uma índia pássara trinando para o ocaso. Mas minha língua se enrolou de impotência, e em vez de clareza ou emoção letrada criei uma selva de ruídos. [...] Apesar de tudo, aprendi, embora a tristeza caísse sobre mim como um manto culto. Não fui cantor, repito, mas a música foi o único tecnicolor da minha biografia escangalhada. Deixo aqui este pentagrama em que a história cambaleou seu ritmo trágico. Gostem vocês ou não, aperto aqui o play deste cancioneiro memorial.”³

1 (vida) ÷ 0 (negridade) = ∞ – ∞ ou ∞ / ∞.⁴

Revisar e traduzir é participar de um cálculo do valor.

10. Daqui de onde estamos, não conseguimos te alcançar com nossos braços sem quebrá-los, mas palavras são inquebráveis — ainda que fraturáveis — e acenamos para você através delas.

*Adeus, camarada, adeus,
adeus que eu já vou-me
embora,
foi no balanço do mar que eu
vim,
é no balanço do mar que eu
vou embora,
quem parte leva saudade,
quem fica, soluça e chora.*⁵

3 Pedro Lemebel, “À guisa de sinopse”, In: *Poco hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista*. Trad. Mariana Sanchez. São Paulo: Companhia das Letras (2023), pp. 393-395.

4 Denise Ferreira da Silva, *A dívida impagável*. Trad. Amílcar Packer; Pedro Daher. Oficina de Imaginação Política e Living Commons (São Paulo, 2019)

5 Cantiga de marujo.



Uma edição Elemental e Matéria Crítica Apoio Kunsthochschule für Medien Köln
Design Diego Crux



Apoio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este caderno foi produzido pelo programa
"Matéria Crítica para Massa Crítica", para CASA-ESCOLA,
projeto pedagógico da Casa do Povo, em 2023.

